



Medievalis

v. 11, n. 2 (2022)

A concepção de arte no livro Poética de Aristóteles

| 11

Carlos Ébano Costa da Silva¹

Resumo: O presente artigo percorre, sobretudo, as páginas do livro Poética de Aristóteles em busca da definição do que seria a bela arte e sua função na sociedade. O Estagirita tem como ponto de partida para análise de toda arte o fato de que toda poesia ser imitação (mimesis). A mimesis não é algo negativo, mas, a partir dela, se torna possível a educação. A estética aristotélica, ou seja, a concepção de arte para Aristóteles aponta o conceito de poiesis e mimesis, investigamos se há diferença entre arte e bela arte.

Abstract: The following article goes through the pages of the book Poetics of Aristotle in search of the definition of what would be the beautiful art and its function in society. The Stagirite has as a starting point for the analysis of all art the fact that all poetry is imitation (mimesis). Mimesis is not a negative thing, but from it, education becomes possible. Aristotelian aesthetics, that is, the beautiful creation of art for Aristotle points the concept of poiesis and mimesis, we investigate if there is a difference between the simple art and the beautiful art.

Palavras-chave: Aristóteles. Arte. Mimesis

Keywords: Aristotle. Art. Mimesis.

¹ Graduação em Filosofia e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
<https://orcid.org/0000-0002-2776-5404>
E-mail: ebanocosta@gmail.com





1. Introdução

A bela arte tem passado por muitas transformações em sua compreensão e suas formas. Neste sentido, é importante investigar se a bela arte em sua complexidade apresenta uma função social específica. Sabe-se que todo homem tende para o bem, desse modo a bela arte, enquanto produto humano, também se presta a este fim. Isto é, visa um bem (ARISTÓTELES. *Ética*, 2014, 1094a). Neste sentido, a bela arte se destina de modo satisfatório sobretudo ao entretenimento². Sem ser prejudicial, o artista pode, em toda a sua criatividade, apenas gerar entretenimento. Porém, a multiplicidade de meios, objetos e modos presentes na arte são capazes de ampliar o fazer artístico para muitos campos.

Atualmente, porém, “não só não sabemos mais a quem a arte se endereça, como também não sabemos mais quem é e quem não é legitimamente artista. A autoridade capaz de dizê-lo desmoronou” (DE DUVE, 2010, p.190). As muitas tensões que envolvem esta temática podem ser minimizadas quando se realiza uma reflexão profunda em relação à bela arte. Afinal, para além de dar respostas ao homem sobre problemas políticos, a bela arte é capaz de levá-lo ao prazer e ao conhecimento de si mesmo e do mundo. Um questionamento faz-se visível: o que se pode considerar como essencial na bela arte?

A obra base utilizada para este trabalho é a *Poética*, a qual foi amplamente divulgada, comentada e é, de modo geral um referencial seguro do panorama da arte na antiguidade e da filosofia da arte. Essa obra não é o único escrito aristotélico sobre o tema da bela arte. Por este motivo, este trabalho pretende relacionar diversos textos, sobretudo no que tange à política e à retórica, para desenvolver a arte no pensamento de Aristóteles sob a perspectiva da *mimesis*.

1.1. A Estética Aristotélica

O termo *Estética* designa a ciência filosófica da arte e do belo, foi apresentado por Baumgarten por volta de 1750 (Cf. ABBAGNANO, N. *Estética*, 1962). Por ser um termo recente, parece anacrônico relacioná-lo com Aristóteles, porém o questionamento sobre arte está presente desde a antiguidade entre os filósofos. Dentre as produções sobre o tema, Aristóteles apresenta sua reflexão, sobretudo com a obra chamada *Poética*.

²“Neste sentido, é lícito pensar que também este aspecto tem pleno cabimento na educação dos mais jovens. O lado sério do prazer, na verdade, não só se harmoniza com o fim a que se destina, como também faculto descanso. Ora sucede que raras vezes os homens atingem o fim proposto [...] pode ser vantajoso descansar mediante o prazer propiciado pela música”. (ARISTÓTELES. *Política*: 1339b, 24-30). Esta obra de Aristóteles também será referenciada, deste ponto em diante, de forma universal pela anotação de Bekker.





A obra é composta por apenas um livro, e a outra parte, provavelmente o livro que iria tratar sobre comédia perdeu-se. Aristóteles não foi o pioneiro a falar neste assunto, mas a positividade e profundidade que tratou a questão da arte foram imprescindíveis para a perenidade e valor da obra. A questão da arte está integrada com o pensamento aristotélico e é possível encontrar em outros textos do autor ressonância desta reflexão.

Em suas obras, Aristóteles comumente investiga as causas primeiras e princípios básicos, e não fez diferente na supracitada obra. Isto pode ser visualizado já no início do primeiro capítulo, quando externa:

Falaremos da arte poética em si e das suas espécies, do efeito que cada uma destas espécies tem; de como se devem estruturar os enredos, se se pretender que a composição poética seja bela; e ainda da natureza e do número das suas partes. E falaremos igualmente de tudo o mais que diga respeito a este estudo, abordando, naturalmente, em primeiro lugar, os princípios básicos (ARISTÓTELES. Poética: 1447a, 8-13)³.

O Estagirita realiza uma análise filosófica do modo de fazer poesia, uma importante crítica literária que não apenas descreve as artes existentes em sua época, mas cria critérios sobre o modo como devem ser feitas⁴, sobretudo da tragédia. No que tange à arte, ele evidencia como princípio básico que unifica toda a bela arte o fato de serem imitações, e, o que diferencia, é o modo, os meios e os objetos imitados.

A epopeia e a tragédia, bem como a comédia e a poesia ditirâmbica e ainda a maior parte da música de flauta e de cítara são todas, vistas em conjunto, imitações. Diferem entre si em três aspectos: ou porque imitam por meios diversos ou objectos diferentes ou de outro modo e não do mesmo (ARISTÓTELES. Poética, 1447a, 13-16)

Aristóteles, com uma incrível genialidade, faz uma precisa descrição sobre a bela arte de sua época. A distância entre a produção aristotélica e o que se tem hoje é grande. Por um lado, a filosofia clássica é usada como referência. Por outro, é superada e/ou posta em segundo plano. No que se refere ao termo arte, é preciso cuidado para não transportar o seu conceito, o qual se diferencia do que se tem hoje⁵.

Neste sentido, antes mesmo de introduzir a apresentação dos princípios apontados, é preciso uma reflexão acerca do que é bela arte para Aristóteles e como a sua definição

³ Esta obra de Aristóteles também será referenciada, de forma universal pela anotação de Bekker.

⁴ “A Poética, obra que ocupa um livro só, tem como objeto a arte de fazer poesia, e é uma reflexão filosófica sobre poesia, que tenta compreender como ela pode ser bem feita”. (BERTI, 2005, p. 135).

⁵ “Arte: Em geral, conjunto de procedimentos que servem para produzir um certo resultado: “Ars est systemapraeceptorumuniversalium, verorum, utilium, consentietium, ad unumeumdemque finem tendentium. [...] A arte opõe-se neste sentido: 1º A ciência concebida como puro conhecimento independente das aplicações; 2º. À natureza, concebida como potência que produz sem reflexão.” (LALANDE, 1999: 643).





se diferencia da atual. De fato, a conceituação sofreu modificações, e o que hoje é considerado como artístico, poderia não ser reconhecido pelos antigos (Cf. SANTORO, 2006, p. 73)

A arte, antes de qualquer definição mais específica, está ligada ao fazer do homem; Isto é, a obra, o movimento, a criação. Em outras palavras, tudo aquilo que ele faz, incluindo poesia, música e dança. Essas coisas, por ele realizadas, são tidas como produto, *poiésis*. Nesse sentido, aborda o professor Álvaro Queiroz: “a palavra poética vem do termo grego *poiésis*, que significa fazer, fabricar. Dessa forma, o Estagirita provoca uma inovação no campo da estética, pois o valor da obra é colocado na figura do artista como gênio e imaginação criadora” (QUEIROZ, 2013, p. 1).

A arte para Aristóteles quer dizer produto, fazer, elaborar. De fato, ela, diferentemente do que se conceitua hoje, reflete a natureza, *physis*, sendo isto sua característica mais universal. A arte imita a natureza e esta imitação contribuiu para compreensão dela própria. Neste aspecto, Patrício tratará:

Trata-se da *physis*, em sua representação concreta em produtos da *poiésis* Tal leitura considera a *poiésis* como realizadora de produtos e não confundida com estes, esta é a voz dos poetas. Mas por meio de um olhar filosófico chegamos a considerar a identidade entre ser e fazer nesta *poiésis*, que caracteriza a perspectiva ontológica da metafísica, que visa um fazer como saber sobre o ser (ARAÚJO, 2011, p. 36).

Cultura e natureza estão unidas. Esta união se dá pelo fato de que a cultura se espelha na referida natureza. Assim, a arte reflete esta natureza, e tal reflexão contribui para a sua compreensão. Patrício Araújo ainda afirma: “*poiésis* conteúdo (unidade) e forma (multiplicidade) se imbricam em uma realização, a arte” (ARAÚJO, 2011: 35). A *mimesis* é apresentada pelo artista através da *poiésis*:

A *poiésis* em sua *ousía*, substância, se caracteriza como a unidade entre forma e conteúdo, esta se configura como instrumento pelo qual a *mimesis* se manifesta como a linguagem nos mitos, como a *eikôn*, imagem nas estátuas (ARAÚJO, 2011, p. 36)

A arte é matéria transformada, porém não distante da natureza, pois a reflete, além disso, não está retida aquela condição primeira: a madeira não é mais madeira; aquele som não simboliza ele mesmo, mas através da imitação o artista cria diante do observador cenas, momentos, símbolos. A imitação se desenvolve partindo dos elementos já presentes na natureza ou no imaginário, transportando-os do particular para o universal.





Por ignorar-se essa distinção entre objetos no plural e no singular, por desconhecer o princípio estrutural da *mimesis* como sendo intriga[*mythos*]⁶, gera-se continuamente o problema de agregar dois aspectos incompatíveis: semelhança (referência) e originalidade, particularidade da encenação e universalidade que deve ser expressada pela ação. [...] Assim, *Poet.4* é elegido o texto predileto para explicitar esse caráter da *mimesis* em selecionar apenas os aspectos essenciais da coisa retratada, um meio de abstrair e revelar a forma própria do objeto natural. A *mimesis*, assim descrita, conduziria nosso intelecto das imagens particulares para as verdades universais que elas materializam, desviando nossas reações emocionais habituais com relação aos objetos naturais. Porém, ao contrário das pinturas, a tragédia incitaria nossas emoções, nesse contexto, em nome de particulares que são destinados a representar padrões gerais. Assim, o poeta deveria apresentar -- para satisfazer as cláusulas da universalidade das verdades e da particularidade dos fatos incitam nossas reações emocionais -- os universais sob o disfarce de eventos e caracteres particulares (SUSIN, 2010, p. 71-72).

Conclui-se que a bela arte, enquanto *mimesis*, a partir da transformação da natureza, é capaz de conduzir da realidade particular à verdade universal.

1.2 A Mimesis Aristotélica

Aristóteles aborda a arte poética relacionando-a com a *mimesis* e, com isso, aproxima arte e imitação. Essa compreensão é o que diferencia a bela arte dos demais produtos. O artista, ordinariamente, é capaz de imitar aquilo que ele encontra na natureza por meio de suas obras. Entretanto, o seu fazer artístico não fica estagnado na materialidade, mas pode transcendê-la. Isto se observa justamente quando as imitações relacionam-se aos sentimentos e emoções. Desse modo, é possível entender que o objeto diante do espectador comunica para além de algo objetivo, mas também subjetivo.

[...] todas realizam imitação por meio do ritmo, das palavras e da harmonia, separadamente ou combinadas. Se a música de flauta e de cítara e algumas outras artes similares, como a música de siringe, conseguem expressividade usando apenas a harmonia e o ritmo, a música dos dançarinos [imita], pelo ritmo em si, sem harmonia (pois os dançarinos, através de movimentos ritmados, imitam não só caracteres mas também emoções e acções) (ARISTÓTELES. Poética: 1447a, 22-29).

Quando o observador está diante de um busto, não só se encontra com líder relatado, para além do ordinário. Ele é atingido pela astúcia, pela bravura, pela história representada naquele busto. O Estagirita deixa mais evidente a razão pela qual a arte é mais filosófica que a história, ressaltando a positividade e valor cognoscitivo da poesia ao afirmar que:

⁶ O termo *mythos* foi introduzido ao texto para melhor compreensão do texto.





Pelo exposto se torna óbvio que a função do poeta não é contar o que aconteceu mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível, de acordo com o princípio da verossimilhança e da necessidade. [...] Portanto, a poesia é mais filosófica e tem um carácter mais elevado do que a História. É que a poesia expressa o universal, a História o particular (ARISTÓTELES. Poética: 1451a, 37-39 - 1451b, 6-8).

A arte é capaz de trazer o conteúdo subjetivo que a história não pode contemplar ou considerar como dado para o registro. Então estes sentimentos e emoções presentes no imaginário das pessoas e da cultura, são produzidos pelo artista, e mais, recriados e ampliados.

Arte é, então, um produto que une cultura (produção) e natureza. Como foi visto, para Aristóteles o que unifica todas as formas de fazer arte é o fato de todas serem imitações (Cf. ARISTÓTELES. Poética, 1447a, 13-18). Em que consiste esta imitação? Este conceito não é uma inovação de Aristóteles, mas já havia sido tratado por Platão. A *mimesis* de Platão se diferencia da *mimesis* aristotélica, pois trata a imitação como um distanciamento da verdade⁷. Aristóteles, apesar de utilizar o mesmo termo de Platão, concebe a arte de modo positivo, inclusive como forma de conhecimento. Isto pode ser melhor visualizado no trecho abaixo:

Parece ter havido para a poesia em geral duas causas, causas essas naturais. Uma é que imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações (ARISTÓTELES. Poética: 1448b, 4-9)

Na cosmologia platônica, no que concerne ao real, as coisas do mundo são imitações do mundo das idéias. As artes então têm a sua base na imitação, com isso ela é, pois, imitação da imitação e, por isso, algo de menor valor. Neste contexto, Fernando Santoro externa: “Dizer que a poesia é imitação para Platão, é distanciá-la duplamente da verdade, pois em primeiro lugar está a verdade na idéia em si mesma de algo” (SANTORO, 2006:75). E ainda diz:

Se Aristóteles chegou a enquadrar num mesmo gênero mimético as artes literárias e as artes plásticas, não era por dar-lhes o mesmo “valor artístico”. A *mimesis* aristotélica é um contraponto à *mimesis* de Platão, não define o valor artístico, mas o valor de verdade: se, para Platão, a imitação era o

⁷Sobre este distanciamento Guilherme comenta: “Sócrates estabelece a distinção entre três tipos de cama, uma que é a forma natural, que o deus confeccionou, outra executada pelo marceneiro e outra feita pelo pintor: o deus produziu apenas uma, a cama real, que realiza a idéia de cama, uma, merecendo, portanto, o título de criador natural não só da cama, como de tudo mais na sua natureza essencial. Ao marceneiro cabe o título de artífice, mas esse não serve ao pintor, pois o título que melhor se lhe ajusta é o de imitador daquilo que os outros são artífices. Ora, se a realidade se identifica com a idéia, o autor do que está três pontos afastado da realidade será o imitador, uma vez que imita os objetos que o artífice produz, os quais, por sua vez, estão dois pontos afastados, pois se considera como primeiro ponto aqui a idéia”. (MOTTA, 2000, p. 101).





distanciamento da verdade e o lugar da falsidade e da ilusão, para Aristóteles, a imitação é o lugar da semelhança e da verossimilhança, o lugar do reconhecimento e da representação (SANTORO, 2006, p. 75)

Observa-se que Aristóteles faz uma ferrenha oposição a Platão no que diz respeito à arte⁸. A *mimesis*, para Platão, por ser uma imitação da imitação implica por si só em um afastamento da verdade admitindo apenas a existência de um véis educativo. A filosofia aristotélica torna evidente que os problemas apresentados por Platão não são solucionados, e ainda por este mundo ser uma simplificação do mundo das ideias, a produção artística torna-se negativa. É importante destacar que as divergências entre Aristóteles e Platão no campo da arte não impediu que ele se inspirasse nos ensinamentos do seu mestre, sobretudo em relação à arte e educação como destacou Viviana Suñol:

| 17

En definitiva, a pesar Del predominio de las interpretaciones que exaltan La oposición entre Platón y Aristóteles, considero que La relación entre las dos concepciones de las artes miméticas no puede ser reducida a una simple contraposición, en la medida en que hay importantes puntos em comúnen El pensamiento de ambos filósofos al respecto (Babut, 1985; Halliwell, 1999b). Según hemos visto, Aristóteles no ignora las censuras que se le hacen a la poesía ni los problemas que esta plantea, como tampoco desconoce la función que la mimesis y los productos de las artes miméticas tienen en la educación. Más aun, e nel bosquejo aristotélico Del mejor régimen político de Pol. VII y VIII claramente puede observar se la marcada influencia de ambos diálogos platónicos, por ejemplo la referencia a los inspectores de la educación de los niños. (SUÑOL, 2012, p. 136-137).

Faz-se necessário ressaltar que: “A pesar de los numerosos puntos em común que existen entre ambos, Aristóteles adopta una actitud más moderada o, como se há dicho, “más liberal” (Halliwell, 1999b: 292-307) frente a las artes miméticas” (SUÑOL, 2012: 137).

Fica evidente a importância dada pelo Estagirita à arte poética, valorizada como algo que diferencia os homens dos animais, e, há ainda, a atuação da imitação no conhecimento. Logo, “Aprender não é só agradável para os filósofos mas é-o igualmente para os outros homens, embora estes participem dessa aprendizagem em menor escala” (ARISTÓTELES. Poética: 1448b, 13-15).

Logo, o que agrada na imitação é, além de outras coisas, o reconhecimento de uma semelhança, de um traço que nos reconduza ao original que serviu de modelo ao autor da imitação. Mas, além disso, nos comprazemos no imitado porque, ao operarmos o reconhecimento de tal semelhança, somos capazes de realizar um certo tipo de raciocínio. O reconhecimento envolvido na contemplação de uma obra está diretamente ligado ao aprendizado de algo sobre o modelo original. A substituição do modelo por uma cópia, que em geral abre mão dos detalhes mais irrelevantes, efetua um distanciamento quase

⁸ “En segundo lugar, tradicionalmente se suele interpretar la Poética como una respuesta y undesafío tácito a las críticas efectuadas por su maestro”. (SUÑOL, 2012, p.131).





teórico cuja função consiste em fazer compreender as causas e as estruturas dos acontecimentos, em frisar as conexões necessárias entre as ações, em auxiliar na apreensão da natureza dos fatos e coisas ali representados (HOLANDA, 2006, p. 57).

Tendo em vista o trecho acima, vê-se que há relação entre o ato de imitar e a natureza humana, ou seja, é natural aos homens fazer arte, e, a partir desta imitação, adquire-se conhecimento. Por ser um traço natural ao homem, isto por si é um argumento de grande importância para a preservação e o incentivo da arte na sociedade. Enrico Berti afirma em seu livro sobre Aristóteles que:

Todas as formas de poesia, quer a forma teatral (tragédia e comédia), quer a forma épica ou lírica, na visão de Aristóteles são imitações (*mimêsis*) da realidade, não no sentido de mera cópia, mas no sentido de representação, dramatização, encenação (BERTI, Enrico 2005: 135).

Para além de uma mera repetição da natureza, a arte, como já tratada, amplia a própria compreensão natureza primeira da matéria. Nesta perspectiva o professor Álvaro escreve:

Interpretando a “mimese artística” segundo uma perspectiva oposta, Aristóteles se opõe claramente a esse modo de conceber a arte. Longe de reproduzir passivamente a aparência das coisas, ele faz dela uma atividade que quase recria a realidade segundo nova dimensão. Assim, a arte imita segundo a dimensão do “possível” e do “verossímil”, elevando os seus conteúdos a nível universal (QUEIROZ, 2013, p. 1-2).

A mimesis artística não é mera repetição, mas tem a capacidade levar a verdade.

1.3 A beleza na estética Aristotélica

É importante sinalizar que, atualmente, diferente do que defende Aristóteles, não mais existe uma necessidade que as obras tenham a pretensão de apresentar um conteúdo belo. Não poucas vezes, os artistas apresentam obras feitas apenas para chocar e criticar a tradição artística, com a justificativa de retratar a realidade e serem frutos da liberdade. Desejaram tanto retratar a realidade que não perceberam que ‘o rei está nu’. Sobre a perspectiva histórica dessa mudança, Ana Nunes aponta:

A explosão do feio dá-se então nos movimentos artísticos dos finais do século XIX e princípios do século XX. São inúmeros os movimentos artísticos que vieram impor o feio como conceito estético, revolucionando a forma de ver e fazer arte no mundo ocidental. O slogan era esse: “quebrar a tradição”. Em comum no leque de movimentos irreverentes e revolucionários do século XX, nota-se a quebra com a tradição, a procura pelo abstraccionismo (e para alguns uma completa rejeição do figurativo), emoções fortes e cruas, em alguns casos





alguma violência (visual e ideal), interesse na psicanálise, ausência de pudores sexuais e em alguns casos perda completa dos valores morais (NUNES, 2013, p. 53).

Para Aristóteles, a arte poética deve ser bela e um dos motivos desta posição fica evidente neste trecho: “Falaremos da arte poética em si e das suas espécies, do efeito que cada uma destas espécies tem; de como se devem estruturar os enredos, se se pretender que a composição poética seja bela;” (ARISTÓTELES. Poética: 1447a, 7-10).

| 19

Aristóteles aponta o que há de melhor para a produção da arte poética. Assim, para alguns, a bela arte tornou-se um reflexo da mediocridade, não desejando elevar o homem, mas espelha a sua mais baixa condição. Ora,

Alguns artistas pintam ou expõem em artes performativas e instalações, um tratamento violento ao corpo humano e animal, sujeitando-os a experiências de mutilação, greves de fome, contacto com elementos e materiais que o danificam, entre muitas outras coisas. Nestas situações, nestes excessos, o conteúdo educativo da arte é perdido. Não é necessário o contacto com violências sexuais e corporais tão cedo, a arte torna-se uma brutalidade moral. Os artistas só desejam exprimir a sua liberdade, desejos reprimidos e distanciam-se completamente do seu público, perdendo, por vezes, as intenções da arte e muitas vezes querendo apenas chocar por chocar (NUNES, 2013, p. 55).

Por outro lado, não é o simples fato de retratar coisas negativas que reduz a bela arte. Aristóteles, ao desenvolver o modo como deve ser feita a tragédia, ele não descarta o fato de retratar coisas negativas. De fato,

A poesia dividiu-se de acordo com o carácter de cada um: os mais nobres imitaram acções belas e acções de homens bons e os autores mais vulgares imitaram acções de homens vis, compondo primeiramente sátiras, enquanto os outros compunham hinos e encômios (ARISTÓTELES. Poética: 1448b, 24-27).

Pode-se afirmar que a obra de arte tem a beleza como um objetivo e assim descreve Aristóteles:

Portanto, é necessário que os enredos bem estruturados não comecem nem acabem ao acaso, mas sim apliquem os princípios anteriormente expostos. Além disso, uma coisa bela — seja um animal seja toda uma acção — sendo composta de algumas partes, precisará não somente de as ter ordenadas, mas também de ter uma dimensão que não seja ao acaso: a beleza reside na dimensão e na ordem e, por isso, um animal belo não poderá ser nem demasiado pequeno (pois a visão confunde-se quando dura um espaço imperceptível de tempo), nem demasiado grande (a vista não a abrange tudo e, assim, escapa à observação de quem vê a unidade e a totalidade), como no caso de um animal que tivesse milhares de estádios de comprimento. E assim, tal como em relação aos corpos e aos animais é necessário que tenham uma dimensão que possa ser abrangida por um só olhar, também em relação aos enredos será necessária uma duração determinada, fácil de recordar (ARISTÓTELES. Poética: 1450b, 32 - 1451a, 7)





Faz-se notar, neste trecho, que é importante para Aristóteles, o tema da beleza, pois ele coloca como critérios a dimensão e a ordem. Estas características físicas apontam a beleza da arte que se manifesta conforme ela for capaz de comunicar algo ao homem; Aquilo que é feito enquanto arte não está em função de si nem somente do artista, pois a máxima perfeição e beleza deve ter um significado, comunicar algo que seja realmente visível e inteligível.

A arte enquanto bela deve levar a um contato com um objeto real ou hipotético, porque se dá a partir desse encontro entre espectador e obra. O homem, que é naturalmente voltado para o outro, é um animal político (Cf. ARISTÓTELES. Política: 1253a), e volta-se também para natureza de modo a interagir e transformá-la.

A arte para além de um simples entretenimento pode, através da beleza, ser catártica e servir para educação. Esta abordagem de Aristóteles é positiva, ela apresenta algo que se opõe a visão platônica negativista em relação ao artista. Nesse sentido pode-se aferir:

[...] Imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações (ARISTÓTELES. Poética: 1448b, 5-9)

Sobre a *mimesis*, afirma Alexandre Mauro:

Teríamos então, e essa é uma posição defendida por vários comentadores como o próprio Bacca e também por Dupont-Roc e Lallot, que a afinidade do homem com a imitação se manifesta de duas maneiras: uma ativa, ou seja, na produção de formas, e outra, receptiva, isto é, o prazer específico que todos os homens experimentam face à representação (TOLEDO, 2005, p. 57).

Em relação à tragédia, Aristóteles ressalta a importância da música para o embelezamento. Na introdução da obra Poética, Maria Helena da Rocha Pereira ressalta, resumidamente, sobre este fator com parte constitutiva da tragédia.

Se a importância da música dramaturgia é menosprezada, mais ainda o é a da melopoia (“música”), mencionada em 1449b 33 e 35 e em 1450a 10, e referida de novo em 1450b 15-16, imediatamente antes do texto que atrás referimos, com estas palavras quase despectivas: Das restantes partes constitutivas da tragédia, a música é o maior dos embelezamentos. Com os “embelezamentos”, retoma-se a forma participial empregada na definição de tragédia (1449b 24-28) e logo a seguir explicada. (PEREIRA, 2008, p. 29).

É importante ressaltar a ligação entre o embelezamento da tragédia com a imitação. Isso pode ser conferido no trecho abaixo:





Por ‘linguagem embelezada’ entendo a que tem ritmo, harmonia [e canto] e ‘por formas diferentes’ haver algumas partes executadas apenas com metros, enquanto outras incluem o canto. Uma vez que a imitação é realizada por pessoas que actuam, a organização do espectáculo será necessariamente, em primeiro lugar, uma parte da tragédia; depois, a música e a elocução, pois é através destes elementos que realizam essa imitação (ARISTÓTELES. Poética: 1449b, 28-34).

Este itinerário foi traçado para iluminar a questão da arte. Neste capítulo, abordou-se a estética de Aristóteles, no que concerne a característica que une todas as artes, isto é, a imitação. O imitar não consiste apenas no reflexo daquilo que é material, mas também no transcendente e no imaterial. Viu-se ainda que apesar da beleza não ser mais considerada como necessária, Aristóteles define algumas características para atingi-la.

No próximo capítulo será abordado o efeito da beleza da arte no espectador, e ainda, como a arte (que tem a capacidade de imitar o imaterial) pode alterar os aspectos subjetivos e psicológicos presentes no homem.

Conclusão

O livro Poética reúne os principais elementos da reflexão filosófica da arte de Aristóteles. Parte da ideia de que toda arte (*poiésis*) é imitação, com isso, a bela arte também é imitação. Essa não é algo negativo em relação ao conhecimento, mas, através da arte, é possível aprender e mesmo fazer filosofia. O objeto imitado não mais reflete aquela natureza primeira, particular, mas apresenta uma verdade universal, um conteúdo diversificado. Pode-se concluir que uma mesma ação imitativa pode ter vários efeitos e motivações.

Apesar de muitos não considerarem a beleza como um atributo necessário para as obras de arte, Aristóteles ressalta a sua importância para a criação artística. Ele muitas vezes deu orientações a respeito das características que possibilitam à obra atingir a beleza. E ainda, como a produção artística tem a capacidade de imitar o que se apresenta como imaterial, podendo alterar os aspectos subjetivos presentes no homem.

Referências

- ABBAGNANO, N. Catarse. In: ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- ABBAGNANO, N. Estética. In: ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- ARAÚJO, Patrício Câmara. **Aristóteles: Poiésis, Mimética e o Aparecimento da Physis**. Revista Pesquisa em Foco: Educação e Filosofia, Maranhão, ano 4, v. 4, n. 4, p. 33 - 40, jul. 2011.





- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. São Paulo: Edipro, 2014.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- ARISTÓTELES. **Política**. ed. bilingue. Lisboa: Vega, 1998.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- BERTI, Enrico. **Aristóteles**. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.
- BOCAYUVA, Izabela. **Sobre a catarse na tragédia grega**. Anais de Filosofia Clássica, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.46-52, 2008.
- CHAVES, Ernani. **Filosofia e filologia, tragédia e catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche**. Aisthe, Rio de Janeiro, v. 6, n. 9, 1-18, 2012.
- COSTA, Juliano Xavier da Silva. **Educação Em Aristóteles**. 80f. Dissertação (Mestrado em filosofia) – UFMT, Cuiabá, 2016.
- DE DUVE, Thierry. **O que fazer da Vanguarda? Ou o que resta do século 19 na arte do século 20?**. In: CAVALCANTI, Ana; TAVORA, Maria Luisa (Org.). Arte & ensaios, Rio de Janeiro, n. 20, p. 180-193, jul. 2010.
- ECO, Umberto, 1992 apud QUEIROZ, A. **Sobre o conceito de catarse na Poética de Aristóteles**. Revista Entrelinhas, Maceió, v. 1, n.1, p. 2-3, 2013.
- HOLANDA, Luisa Severo Buarque de. **Sobre a Mimesis em Aristóteles**. Reflexão, Campinas, v. 31, n. 90, p. 53-61, jul./dez. 2006.
- LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MCLEISH, Kenneth. **Aristóteles**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo:UNESP, 2000.
- MODIN, Battista. **O homem quem é ele?**.12. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- MOTTA, Guilherme Domingues da. **A relação entre as noções de dikaiosýne e paideía e o lugar do poeta na República de Platão**. 131f.Dissertação (Mestrado em filosofia) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- NUNES, Ana. **A educação estética de Schiller na contemporaneidade: o uso da arte para uma educação moral**. 81f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.
- QUEIROZ, A. **Sobre o conceito de catarse na Poética de Aristóteles**. Revista Entrelinhas, Maceió, v. 1, n.1, p. 1-3, 2013.
- RIBEIRO, Elton V. **Uma leitura filosófica da cultura a partir do pensamento de H. C. Lima Vaz**. Pensando, Teresina, v. 5, n. 9, p.75-95, 2014.





SANTORO, Fernando. **Arte no Pensamento de Aristóteles**. Vitória: Museu Vale do Rio Doce, 2006.

SILVA, Christiani Margareth de Menezes e. **Catarse, emoção e prazer na Poética de Aristóteles**. 194f. Tese (Doutorado em filosofia) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, Eudoro. Introdução. In: ARISTÓTELES. **Poética**. Porto Alegre: Globo, 1966.

SUÑOL, Viviana. **Más allá del arte: mimesis en Aristóteles**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2012.

SUSIN, André Luís. **Mimesis e tragédia em platão e Aristóteles**. 176f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – UFRGS, Porto Alegre, maio de 2010.

TEIXEIRA, Jerônimo. **O fim da beleza?**. Veja, São Paulo, edição 2601, ano 51, n. 39, p.196-198, 26 set. 2018.

TOLEDO, Alexandre Mauro. **Mimesis e tragédia na poética de Aristóteles**. 153f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - UFMG, Belo Horizonte, 2005.

